

Trocas entre grafemas na escrita de estudantes do ensino fundamental

Mayara Ferraz Lopes da Encarnação
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: mayaraferraz92@gmail.com

Vera Pacheco
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: vera.pacheco@gmail.com

1360

Palavras-chave: Escrita. Trocas entre grafemas. Ortografia. Alfabetização

INTRODUÇÃO

Na perspectiva de Freire (1987), a alfabetização é uma possibilidade que os indivíduos têm de transformar a realidade como sujeitos da própria história. Nesse sentido, refletir sobre esse processo é fundamental quando se discute estratégias para tirar a humanidade do abismo de sua extinção. Assim, esta pesquisa visa contribuir para uma melhor compreensão dos aspectos linguísticos implicados nas trocas entre grafemas encontradas na escrita de estudantes do ensino fundamental, possibilitando a reflexão sobre práticas que consolidem a alfabetização ao longo do processo de escolarização.

Para que tal reflexão seja realizada, parte-se da seguinte pergunta de pesquisa: na escrita de estudantes do ensino fundamental, quais tipos de troca entre grafemas predominam e persistem? Parte-se da hipótese de que as trocas entre grafemas que possuem relações mais arbitrárias com os fonemas que representam são as mais difíceis de serem superadas.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo geral caracterizar os tipos de trocas entre grafemas presentes em produções escritas por escolares do 1º ao 9º ano do ensino fundamental relacionando o referido fenômeno com a literatura que discorre sobre as relações entre fala e escrita no âmbito da Linguística. Sendo assim, os objetivos específicos desdobram-se em: identificar os tipos de troca que predominam em cada série escolar analisada; observar quais aspectos linguísticos colaboram para a presença das trocas, bem como para a superação ou persistência de determinados tipos de trocas ao decorrer do ensino fundamental.

Realização:



Apoio:



METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com base em dois bancos de dados. Uma das fontes utilizadas foi um banco de dados organizado pelo Grupo de Pesquisa Estudos sobre a Linguagem (GEL), sob responsabilidade do Prof. Dr. Lourenço Chacon, da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), e contém 320 textos produzidos por 108 estudantes matriculados do 1º ao 5º ano em uma escola da rede pública de uma cidade do interior do estado de São Paulo durante o segundo semestre de 2016. As produções textuais foram baseadas em oficinas elaboradas especialmente para a coleta dos dados. O projeto foi submetido à apreciação e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNESP.

A outra fonte utilizada foi o Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II (Tenani, 2015), constituído por textos produzidos por alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, coletados durante um projeto de extensão universitária, também da UNESP, no qual foram desenvolvidas oficinas pedagógicas de leitura, produção e interpretação textual em uma escola pública de uma outra cidade do interior de São Paulo. O projeto, assim como o citado anteriormente, foi submetido à apreciação e aprovado pelo CEP da UNESP. O banco é constituído por 5.519 textos escritos por 662 estudantes dos quatro últimos anos do ensino fundamental. Estão disponíveis no banco de dados uma amostra transversal formada por 2.759 textos produzidos em um mesmo ano letivo por 470 alunos de sexto, sétimo, oitavo e nono anos escolares e uma amostra longitudinal formada por 2.616 textos, produzidos por 182 alunos durante os quatro anos do ensino fundamental. Nesta pesquisa, foram analisados textos da amostra transversal, coletados durante o segundo semestre de 2008. É importante lembrar que durante o ano de 2008 o ensino fundamental no Brasil ainda era constituído por oito anos letivos, denominados por série. A partir de 2009, instituiu-se o ensino fundamental de nove anos, sendo que a quinta, a sexta, a sétima e a oitava séries passaram a corresponder, respectivamente, aos sexto, sétimo, oitavo e nono anos do ensino fundamental. Neste trabalho, optou-se por fazer a correspondência e utilizar a nomenclatura atual.

Para a constituição do *corpus* desta pesquisa foram selecionadas produções textuais de uma turma de cada ano do ensino fundamental dos bancos de dados apresentados acima, das quais foram analisados um texto de cada aluno.

Realização:



Apoio:



Olhando para os dados coletados, a primeira coisa que chama atenção é o fato de que a quantidade de acertos dos estudantes é consideravelmente superior em relação aos “erros”. Conforme afirmam Chacon e Amarante (2022), em estudos nos quais os autores quantificam e comparam o registro de erros com o de acertos, há diferenças significativas entre esses dois tipos de ocorrência, o que permite concluir que “[...] mesmo na escrita inicial, os grafemas tendem muito mais a ser registrados como acertos do que como erros (no caso das transposições e das substituições) ou, ainda, de serem registrados do que não o serem (no caso das omissões)” (Chacon e Amarante, 2022, p. 1011).

A categorização e análise dos resultados desta pesquisa parte da classificação proposta por Chacon e Pezarini (2018), mas com adaptações, baseadas também nas categorizações propostas por Cagliari (2009) e Miranda (2020). As categorizações dos referidos autores englobam, de diferentes maneiras, todos os tipos de registros ortográficos não convencionais. A proposta de classificação da presente pesquisa, no entanto, tem como foco as trocas entre grafemas, também denominadas como substituições.

Com relação às trocas, esta pesquisa estabeleceu as seguintes subdivisões para categorizá-las: trocas relacionadas à similaridade entre o traçado de determinadas letras; trocas arbitrárias; trocas relacionadas à falta de automatização do uso da escrita; trocas relacionadas à hipercorreção; trocas relacionadas à memória etimológica; trocas relacionadas à representação da oralidade; trocas relacionadas às similaridades entre os fonemas que são representados pelos grafemas.

RESULTADOS

A partir da análise dos dados do 1º ano, como é possível observar na tabela 1, as trocas que mais apareceram foram as relacionadas à representação da oralidade. De acordo com Simões (2006), as grafias “pseudofonéticas” são comuns na primeira fase da escrita escolar e se estabelecem como uma ponte de passagem natural que, se bem trabalhadas, podem ter como resultado uma base promissora para futura aquisição das formas dicionarizadas, visto que, a partir das grafias que representam a oralidade é possível que sejam desenvolvidas inúmeras atividades relacionadas à pesquisa das formas, o que pode resultar no domínio almejado.

Realização:



Apoio:



TABELA 1 – TIPOS DE TROCAS POR ANO ESCOLAR

| Série | Trocas relacionadas à falta de automatização do uso da escrita | Trocas relacionadas à hipercorreção | Trocas relacionadas à memória etimológica | Trocas relacionadas à representação da oralidade | Trocas relacionadas às similaridades entre os fonemas que são representados pelos grafemas |
|--------|--|-------------------------------------|---|--|--|
| 1º ano | 5 (35,71%) | 0 (0,00%) | 2 (14,29%) | 6 (42,86%) | 1 (7,14%) |
| 2º ano | 75 (20,43%) | 20 (5,44%) | 144 (39,23%) | 91 (24,80%) | 37 (10,10%) |
| 3º ano | 99 (33,56%) | 14 (4,74%) | 122 (41,36%) | 42 (14,24%) | 18 (6,10%) |
| 4º ano | 88 (34,11%) | 24 (9,30%) | 78 (30,23%) | 50 (19,38%) | 18 (6,98%) |
| 5º ano | 46 (30,87%) | 19 (12,75%) | 49 (32,90%) | 16 (10,73%) | 19 (12,75%) |
| 6º ano | 49 (31,21%) | 5 (3,18%) | 73 (46,50%) | 17 (10,83%) | 13 (8,28%) |
| 7º ano | 32 (35,95%) | 5 (5,62%) | 31 (34,83%) | 11 (12,36%) | 10 (11,24%) |
| 8º ano | 15 (18,52%) | 12 (14,81%) | 33 (40,74%) | 13 (16,05%) | 8 (9,88%) |
| 9º ano | 41 (49,40%) | 7 (8,40%) | 15 (18,10%) | 14 (16,90%) | 6 (7,20%) |

1363

Fontes: elaboração própria a partir da estruturação de dados coletados dos textos presentes nos seguintes bancos de dados: banco de dados com produções textuais elaboradas por alunos do ensino fundamental I, elaborado pelo GEL/UNESP. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/1/folders/0B0XSk3oi4i8SV11V3dCRndpZW8?resourcekey=0-fEIBrQTairBDNnBAwi8X3g>. Acesso em: 01 de junho 2024; Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II (Tenani, 2015). Disponível em: www.gbd.ibilce.unesp.br/redacoes. elaboração própria a partir da estruturação de dados coletados dos textos presentes no Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II (Tenani, 2015). Disponível em: www.gbd.ibilce.unesp.br/redacoes. Acesso em: 01 de junho 2024.

Nos anos que se seguem (2º, 3º, 4º, 5º, 6º e 7º e 8º), um dado que chama a atenção é o aparecimento de trocas relacionada à hipercorreção, ausentes no 1º ano. De acordo com Cagliari (2009)

a hipercorreção é muito comum quando o aluno já conhece a forma ortográfica de determinadas palavras e sabe que a pronúncia destas é diferente. Passa a generalizar esta forma de escrever; por exemplo, como muitas palavras que terminam com *e* são pronunciadas com *i*, escreve todas as palavras com som de *i* no final com a letra *e*. [...]. (p. 141).

Outro dado que se destaca é o predomínio das trocas relacionadas à memória etimológica (com exceção de uma pequena oscilação no 4º e no 7º ano). Como esperado, as trocas relacionadas à memória etimológica são mais difíceis de serem superadas ao longo do ensino fundamental devido à sua inerente arbitrariedade (Faraco, 2023).

Por fim, no 9º ano, último ano do ensino fundamental, as trocas relacionadas à falta de automatização do uso da escrita são as mais frequentes. O domínio dessa categoria nessa etapa do ensino pode ser explicada por englobar as trocas relacionadas ao uso e não uso equivocado dos sinais diacríticos que indicam timbre, que se mostrou como um tipo

Realização:



Apoio:



de troca que, assim como as relacionadas à memória etimológica, são mais persistentes mesmo com o avanço do processo de escolarização.

A dificuldade dos estudantes em adquirir proficiência com relação ao uso de diacríticos é um reflexo das proposições dos documentos oficiais que orientam o ensino, visto que esses documentos partem, geralmente, de uma perspectiva de ensino da acentuação gráfica por meio de uma visão fragmentada, desarticulada e arbitrária, pautado na regra pela regra (Pacheco e Oliveira, 2021).

CONCLUSÕES

A partir da classificação desenvolvida para este trabalho foi possível distribuir os tipos de trocas entre grafemas presentes em produções escritas por escolares do 1º ao 9º ano do ensino em sete categorias: trocas relacionadas à similaridade entre o traçado de determinadas letras; trocas relacionadas à hipercorreção; trocas relacionadas à memória etimológica; trocas relacionadas à representação da oralidade; trocas relacionadas às similaridades entre os fonemas que são representados pelos grafemas. Observou-se que o tipo de troca que predominou na maior parte das turmas foi a relacionada à memória etimológica. As trocas relacionadas ao uso e não uso equivocado dos sinais diacríticos que indicam timbre se mostraram como um tipo de troca persistente mesmo com o avanço do processo de escolarização.

Os dados apresentados neste trabalho mostraram ainda que desde os anos iniciais do ensino fundamental as crianças acertam muito mais do que erram. Por outro lado, evidenciaram também que certas dificuldades ortográficas acompanham os estudantes durante todo o período escolar analisado.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CHACON, L.; AMARANTE, M.V. Gradiência das transposições ortográficas na escrita de crianças do ensino fundamental I. **Estudos Linguísticos**, v.51, n.3, p.1003-1016, 2022.

CHACON, L.; PEZARINI, I. O. Gradiência na Correspondência Fonema/Grafema: uma Proposta de Caracterização do Desempenho Ortográfico Infantil. In: CÉSAR, A. B. P. C.; SENO, M. P.; CAPELLINI, S. A. **Tópicos em Transtornos de Aprendizagem**: parte VI. São José dos Campos, SP: Pulso Editorial, 2018.

FARACO, C. A. **Escrita e Alfabetização**: Características do Sistema Gráfico do Português. São Paulo: Contexto, 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

Realização:



Apoio:



MIRANDA, A. R. M. Um estudo sobre a natureza dos erros (orto)gráficos produzidos por crianças dos anos iniciais. **Educação em Revista**, v. 36, p. 1-40, 2020.

PACHECO, V.; OLIVEIRA, M. Algoritmo de acentuação gráfica e protocolo de parcimônia: uma proposta para otimização do ensino e uso das regras de acentuação gráfica. **Revista Linguagem & Ensino**, v.24, n.4, p.917-942, 2021.

SIMÕES, D. **Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TENANI, L. 2015. **Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II**. Disponível em: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>. Acesso em: 25 de janeiro de 2024.

1365

Realização:



Apoio:

